
A Biblioteca Social de «A Voz do Operário» Alguns Apontamentos para a sua História *

JOSÉ CARLOS ALVAREZ

Museu Nacional do Teatro

É razão óbvia e clara que a instrução é a base inquebrantável pela qual os povos se ilustram, quer nas artes, quer nas ciências. já na agricultura. já nas armas e, finalmente, em tudo o que respeita aos diversos estados sociais do homem.

CUSTÓDIO BRAZ PACHECO, fundador da Sociedade «A Voz do Operário», 1883

COMO se poderá deprender da citação em epígrafe, a instrução (educação) era o grande remédio iluminista republicano na segunda metade do século XIX e no início do XX para todos os males sociais. Instruir, modelar o homem à imagem do Bem republicano, era etapa a cumprir em prol da grande meta do Progresso.

Se este movimento de «Instrução», muitas vezes estimulado por filantropos, funcionava como controle

social dos meios populares atingidos pela vaga da industrialização, muitas iniciativas houve que partiam dos próprios meios populares, de alguns operários mais letrados, no sentido de constituírem instituições de solidariedade social, de beneficência e de instrução, em suma, de defesa dos seus interesses.

Quase sempre estas iniciativas continham no seu projecto um jornal, não obstante a maioria das «Classes Laboriosas» da época serem constituídas por iletradas.

«A Voz do Operário» nasce em 1879 como jornal, por meio de meia

* Com a colaboração de Jorge Abegão.

Consta nos Estatutos iniciais desta Associação a constituição dum «gabinete de leitura». Assim, em 1888 é inaugurada a Biblioteca Social

dúzia de operários manipuladores de tabaco com intenções instrutivas, embora inicialmente de âmbito corporativo. Mas rapidamente, torna-se numa Associação de interesse público com funções sociais diversificadas (desde a educação moral e profissional dos operários, até ao seu funeral gratuito).

Consta nos Estatutos iniciais desta Associação a constituição dum «gabinete de leitura». Assim, em 1888 é inaugurada a Biblioteca Social a qual, provavelmente fazendo fé no editorial do jornal da colectividade saído oito anos antes, intitulado «Breves reflexões sôbre a instrução popular» e que interrogava «[...] como há-de ir o operário instruir-se para a Biblioteca, caso ela se institua, chegando à noite com o braço profundamente cansado do malho, da serra ou da enxada? E muitas vezes sôbre isto, ver pairar sôbre o lar a miséria?», acaba por ter uma curta existência de dez anos, durante a qual, em boa verdade, a sua frequência é diminuta (no ano de 1894, por exemplo, a Biblioteca é apenas frequentada por 160 leitores). Então, durante muitos anos, as estantes com os livros que constituíam a Biblioteca permanecem encerradas no gabinete

das sucessivas direcções, não se registando nesse período qualquer movimento nas entradas e saídas das obras.

Só em 1924, a Biblioteca é reaberta, saindo assim da letargia em que se encontrava e tornando-se, de acordo com o artigo 12.º do respectivo regulamento, numa verdadeira «biblioteca pública para sócios e não sócios, indistintamente». Entramos assim no período áureo da história desta biblioteca (e da própria instituição), sendo até denominada por uma Comissão Administrativa de então como «o maior padrão de glória dos fundadores da Sociedade». Ainda no decorrer desse ano, recebe a doação da valiosa biblioteca do filantropo Fernão Boto Machado, a qual vai enriquecer significativamente os seus fundos e, paralelamente, contribuir em definitivo para o enorme salto qualitativo que se verifica. E, se neste ano de 1924 o

Em 1924, a Biblioteca é reaberta de acordo com o artigo 12.º do respectivo regulamento, numa verdadeira «biblioteca pública para sócios e não sócios, indistintamente» recebe a doação da valiosa biblioteca do filantropo Fernão Boto Machado

número de leitores não ultrapassa os 450, apenas seis anos volvidos esse quantitativo sobe para mais de 7000! Tomando, como exemplo, as es-

tatísticas de 1936, verifica-se que a Biblioteca Social de «A Voz do Operário» é uma das cinco bibliotecas portuguesas com maior frequência de leitores (5000), sendo apenas ultrapassada pela Biblioteca Popular Central de Lisboa (com quase 70 000), pela Biblioteca Nacional de Lisboa (com 32 000) e pelas Bibliotecas Públicas de Évora (15 000) e Braga (8700). A sua importância ultrapassa mesmo as nossas fronteiras, sendo-lhe feita uma referência elogiosa na edição de 3 de Outubro de 1929 do importante periódico madrilenho *El Socialista*.

Em relação à profissão ou ocupação principal dos seus leitores, destacam-se os carpinteiros, os empregados de escritório e os serralheiros, para além de, também a título de exemplo (e como curiosidade), 23 engraxadores, 20 filatelistas, um fogueiro, 22 surradores, 103 polícias, uma peixeira, um cocheiro e, até, um bibliotecário, mais uma imensidão de outras profissões, muitas delas já inexistentes ou em vias disso, o que confirma o carácter verdadeiramente popular e público desta Biblioteca.

O art. 356.º do Regulamento de A Voz do Operário impunha a existência de três catálogos «ao serviço da Biblioteca»: onomástico, didascálico e topográfico e, ainda, a existência dum horário de abertura ao público claramente pós-laboral



Contudo, já nessa época, o maior número de leitores são estudantes, o que não impede que o romance seja, a grande distância, o «género de leitura» mais solicitado, cabendo a Júlio Verne e a Camilo os primeiros lugares na tabela dos autores preferidos. Aliás, a este propósito, afirmava Emílio Costa (republicano ilustre, professor e responsável pela Instrução, Educação e Arte na *Voz do Operário*) que «a maioria dos leitores ali vai para se recrear, mais do que para se instruir. Mas isso sucede por tóda a parte, onde a leitura é livre, onde se não trata de bibliotecas regulamentadas, para serem elementos de trabalho para estudiosos; e as bibliotecas de leitura livre são muito mais numerosas do que as outras.»

De facto, na mesma rua e uma meia dúzia de metros mais acima, uma outra associação mutualista, a Caixa Económica Operária, tinha

também em funcionamento uma biblioteca com características semelhantes a esta, embora menos valiosa e de menores dimensões mas mantendo igualmente uma boa percentagem de leitores.

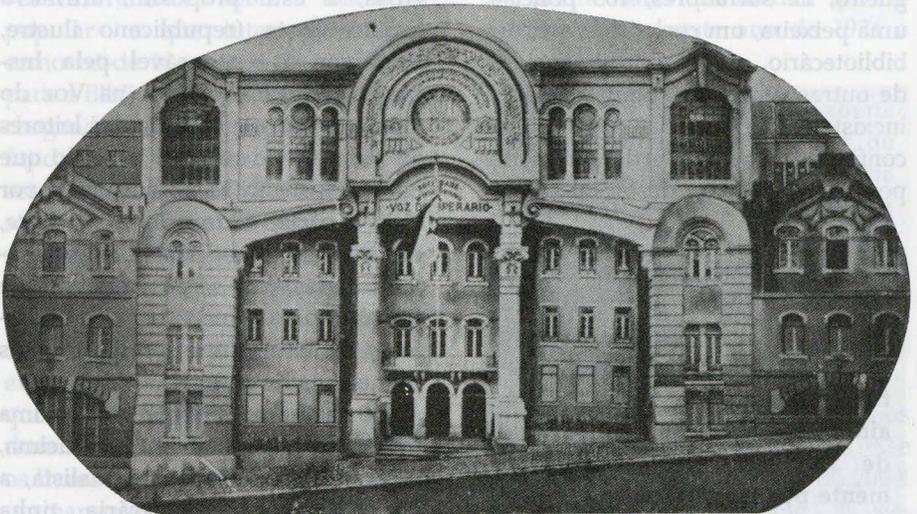
Em 1951, os importantes fundos das extintas Universidade Popular Portuguesa e Sociedade de Estudos Pedagógicos, constituídos por mais de 15 000 monografias

O art. 356.º do Regulamento de «A Voz do Operário» impunha a existência de três catálogos «ao serviço da Biblioteca»: onomástico, didacálico e topográfico e, ainda, a existência dum horário de abertura ao público claramente pós-laboral, estando em vigor durante muitos anos

um das 19 às 23 horas, diariamente, e das 10 às 14 aos Domingos e «dias santificados». «Para facilitar a leitura às classes populares permitia-se a saída dos livros para casa dos leitores por espaço não superior a 8 dias.»

O primeiro bibliotecário desta instituição foi o poeta popular João Black, apesar de Manuel de Araújo Brocas ter sido aquele que, de acordo com as palavras (1938) do bibliotecário da Biblioteca Nacional Dr. Simões Ratola «exerceu aquele cargo com muito zêlo [...], pelo que é credor dos maiores encómios, tanto mais que se baseou nas regras adoptadas oficialmente».

Nos anos que se seguem, a Biblioteca continua a ser enriquecida com inúmeras ofertas, herdando finalmente, em 1951, os importantes fundos das extintas Universidade Popu-



lar Portuguesa e Sociedade de Estudos Pedagógicos, constituídos por mais de 15 000 monografias. Ainda nos anos quarenta, paralelamente à Biblioteca Social, como é designada, desenvolve-se, por iniciativa de Fernando Rau, um projecto pioneiro duma Biblioteca Infantil, igualmente pública e com empréstimo domiciliário, e por onde passam como colaboradores/animadores pessoas como o Prof. Agostinho da Silva, entre outros. Esta Biblioteca Infantil está hoje totalmente desmembrada, encontrando-se o que dela resta espalhado pelas estantes das salas de aula da Associação.

Por iniciativa de Fernando Rau, um projecto pioneiro duma Biblioteca Infantil, igualmente pública e com empréstimo domiciliário

A década de setenta marca em definitivo o período decadente da Biblioteca, deixada praticamente ao abandono e à qual apenas têm acesso privado um ou outro investigador, dos quais se destaca o historiador Fernando Piteira Santos.

Porém, o abandono e os maus tratos do Tempo não perdoam. E quando, já nos anos oitenta, os responsáveis de «A Voz do Operário» tentam reabilitá-la, dão conta, finalmente, da sua verdadeira dimensão e dos custos insuportáveis para a Associação, necessários à preservação e

(re)organização do seu vasto e rico património bibliográfico. Este património é actualmente constituído por cerca de 100 000 monografias e inúmeros periódicos e documentos vários, predominando livros do final do século XIX e início do século XX, cuja temática abrange, sobretudo, a história da vida operária e sindical, uma grande colecção de Sociologia, a Política, o Direito, a Literatura e ainda temas ligados à Maçonaria. De referir ainda a existência de muitas edições raras e primeiras edições.

Para além dos livros, repousam na obscuridade de pequenas caixas inúmeros panfletos, brochuras, manifestos, recortes, etc. de valor histórico incalculável e à procura de tratamento adequado.

Apesar de, presentemente, a Biblioteca Social estar aberta ao público e praticar até o empréstimo domiciliário (dependente apenas do valor bibliográfico da obra solicitada), não existe um catálogo devidamente organizado, sendo a recuperação das espécies apenas possível com recurso a um incipiente ficheiro organizado por títulos.

A década de setenta marca em definitivo o período decadente da Biblioteca, deixada praticamente ao abandono

É pena, embora infelizmente já habitual, ver tão valiosa biblioteca assim desprezada. Bem sabemos que o

livro ainda não faz parte das preocupações do espectáculo de preservação de fachada do(s) nosso(s) património(s). Mas não ficava nada mal a algumas instituições nacionais com responsabilidade moral, política e científica nesta área (por exemplo: Universidades, Institutos, Fundações,

Centrais Sindicais, Câmara Municipal, etc.) contribuírem, através de protocolos, para a conservação, actualização e total disponibilização deste valioso fundo documental, para além da sua necessária e urgente integração nos registos da Base Nacional de Dados Bibliográficos — PORBASE.